

**PEQUENO MANUAL  
DO ANARQUISTA  
EPISTEMOLÓGICO**



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

RUI COSTA - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

---

**DIRETORA DA EDITUS**

Rita Virginia Alves Santos Argollo

**Conselho Editorial:**

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

---

Paulo S. Terra

# PEQUENO MANUAL DO ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO

1ª Reimpressão

Ilhéus - Bahia

  
Editora da UESC

2016

©2000 by PAULO S. TERRA

1ª REIMPRESSÃO 2016

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

### PROJETO GRÁFICO E CAPA

Adriano Lemos

### DIAGRAMAÇÃO

Alencar Júnior (supervisor)

Larissa Soledade (estagiária)

### REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

T323 Terra, Paulo S.  
Pequeno manual do anarquista epistemológico /  
Paulo S. Terra. - Ilhéus : Editus, 2016.

92p.

ISBN: 85-7455-023-x

1. Teoria do conhecimento. 2. Feyerabend, Paul  
Karl, 1924-1994 - Crítica e interpretação. I. Título.

CDD 121

---

### EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz

Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel.: (73) 3680-5028

[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)

[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
O PROFETA ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO .....	11
ESCRITOS ANÁRQUICOS DE UM ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO AINDA APRENDIZ .....	39
PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM O COMPORTAMENTO DO ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO .....	75
CREDO DO ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO .....	77
GLOSSÁRIO .....	83
NOTA BIBLIOGRÁFICA.....	91



## INTRODUÇÃO

Poucos prazeres intelectuais há que se comparem à leitura de *Contra o método*, obra-prima do filósofo austríaco Paul Karl Feyerabend (1924-1994), na qual se lançam as bases de doutrina gnosiológica única, que ele próprio denominou de *anarquismo epistemológico*. Nada mais delicioso do que acompanhar a mestria do filósofo em tomar ideias, muitas das quais nos são caras desde a infância, e evidenciar como são elas desarrazoadas e até mesmo prejudiciais à vida humana!

O presente opúsculo trata de algumas ideias fundamentais da filosofia de Feyerabend expostas em *Contra o método*. Como nada substitui, certamente, o encanto de ler *Contra o método*, as páginas que se seguem não dispensam o livro do filósofo austríaco e nem mesmo constituem introdução a seu pensamento. Dar-me-ei por satisfeito se este desprezioso livro estimular alguém

a ir beber na fonte original do anarquismo epistemológico e, mais ainda, se incentivar alguém a refazer esse caminho.

O presente manual, assim, não pretende ser mais do que modesto guia introdutório à teoria e à prática do anarquismo epistemológico, que é, para os que ainda não sabem, a sublime arte de criticar permanentemente as ideias, com o intuito de fazer nascer outras novas que também devem ser criticadas e, assim, indefinidamente.

Adeptos de Feyerabend e conhecedores de seu pensamento poderão acusar-me, e o farão com justiça, de não expor fielmente as ideias do mestre, de entendê-las superficialmente, de distorcê-las e, em alguns casos, até mesmo de anulá-las. Apresento aqui minha interpretação do anarquismo epistemológico, sem me preocupar com questões de fidelidade, e me atenho tão somente ao que considerarei interessante, pitoresco e útil nas páginas de *Contra o método*.

O texto que segue divide-se em partes que guardam certa desconexão entre si, de modo que não necessitam ser lidas em sequência. À medida que os tópicos forem sendo lidos, as ideias apresentadas irão ganhando forma e adquirindo consistência. Este livro tem propositadamente pequeno conteúdo para que a primeira leitura seja feita de uma só vez e para que a ela se sigam muitas outras pequenas, para que o aprendiz anarquista epistemológico assimile lenta e continuamente os requisitos da arte intelectual arquitetada por Feyerabend.

A primeira parte deste livrinho expõe alguns dos pensamentos basilares de Feyerabend, o profeta do anarquismo epistemológico, por meio de paródia de conhecida obra da literatura mundial. A segunda parte consta de alguns pensamentos e sugestões práticas que creio, com base em minha experiência de ainda aprendiz de anarquismo epistemológico, poderão ajudar o leitor a bem conduzir suas ações, se for seu desejo

abraçar a mui digna causa de anarquizar a vida intelectual. Há também, no final, pequeno glossário que define os principais termos do vocabulário anarquista epistemológico, que talvez deva ser lido em primeiro lugar.

Basta, para finalizar esta introdução, dizer que, ao redigir este pequeno livro, muito me diverti. Como até os assuntos seriíssimos (e talvez, especialmente estes) proporcionam alegria e deliciosos risos, este modesto texto não atingirá seus objetivos mínimos, se não os proporcionar ao leitor, cabendo certamente apenas a mim a responsabilidade de não o fazer, pois não sou dotado de dons humorísticos, visto que o anarquismo epistemológico em si mesmo é, parece-me, indissociável desses prazeres.

## O PROFETA ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO

### 1

Ele, o Eleito e o Bem-amado, que era aurora em seu próprio tempo, aguardava no aeroporto o avião que o levaria de volta a sua terra, após longa estada no exterior.

Então, num instante, lembrou-se das muitas coisas que lhe aconteceram naquele lugar onde foi tão amavelmente acolhido.

O povo da cidade, sabedor de que ele iria embora, apressou-se em ir ao aeroporto para conversar com ele pela última vez. Ele viu a multidão aproximar-se e a ouviu clamar seu nome numa só voz.

E seus mais antigos discípulos disseram: “Não nos deixes ainda. Não nos condenes a sofrer a fome de tuas ideias.”

E muitos outros imploraram-lhe que não os deixasse. Mas ele não respondeu. Baixou a cabeça e as lágrimas caíram no seu peito.

E uma antiga seguidora falou: “Pedimos uma coisa antes de nos deixares: Fala-nos e dá-nos algo da tua verdade; conta-nos o que te foi dado descobrir entre o nascimento e a morte.”

E ele respondeu:

“Povo amado, de que poderia falar-vos, senão do que está agora mesmo agitando vossas almas?”

## 2

Então, um estudante de filosofia disse: “Fala-nos da verdade.”

E ele respondeu dizendo:

“A verdade é, antes de tudo, palavra que faz parte de coleção de termos, que inclui outras como Razão, Honestidade, Dever, Obrigação, Moralidade etc., que têm por objetivo intimidar os medrosos. Quantas pessoas teriam, por exemplo, coragem de declarar que talvez a verdade não seja importante e talvez chegue mesmo a ser indesejável?”

A Verdade, com V maiúsculo, é um dos muitos monstros abstratos que exercem o mesmo papel outrora próprio dos deuses, qual seja, o de intimidar o homem e restringir-lhe o livre e feliz desenvolvimento.

Quanto à palavra verdade, só podemos dizer que ela perturba, mas não consegue muito mais do que isso.

Alguns acreditam que existe o Mundo Verdadeiro, simples e coerente, que pode ser atingido pelos que seguem o reto pensar. Mas o homem sensato não crê na existência desse Mundo.

O homem que busca o conhecimento não se considera investigador da verdade. Isso porque a procura do conhecimento requer, muitas vezes, que se solape a autoridade da Verdade.

O homem de conhecimento não buscará segurança intelectual em conceitos vagos como o de Verdade, pois ele sabe que só há um princípio que pode ser defendido em todas as circunstâncias e em todos os

estádios do desenvolvimento humano. É o princípio: Tudo vale!”

### 3

Então, uma mulher disse: “Fala-nos do anarquismo epistemológico e de seus seguidores.”

E ele respondeu dizendo:

“O anarquismo epistemológico difere tanto do ceticismo, quanto do anarquismo político. Enquanto o cético vê tudo como igualmente bom ou igualmente mau, o anarquista epistemológico não sente escrúpulo em defender o mais banal ou o mais afrontoso enunciado. Enquanto o anarquista político pretende afastar certa forma de vida, o anarquista epistemológico tentará, talvez, defendê-la.

O anarquista epistemológico não apenas não tem programa, como é contra todos os programas. Seus objetivos mantêm-se os mesmos ou se alteram na dependência do

argumento, do tédio, do desejo de impressionar a amante, ou de outros fatores dessa ordem.

O anarquista epistemológico recorrerá sozinho ou em grupos organizados à razão, à emoção, ao ridículo, à atitude séria ou a qualquer outro meio inventado para obter o que há de melhor em seus semelhantes.

O passatempo predileto do anarquista epistemológico é o de perturbar os racionalistas, descobrindo razões fortes para defender doutrinas desarrazoadas. Não há concepção absurda ou imoral que ele se recuse a examinar ou a acompanhar, e método algum é visto como indispensável.

Só há um princípio válido para o anarquista epistemológico: É o princípio ‘tudo vale’.”

#### 4

Então, um publicitário disse: “Que pensas da unanimidade de opinião?”

E ele respondeu:

“Unanimidade de opinião pode ser adequada para uma igreja, para as vítimas temerosas de algum mito, antigo ou moderno, ou para os fracos e conformados seguidores de algum tirano.

A variedade de opiniões é necessária para o conhecimento objetivo.

Mas não estamos preparados para que a pluralidade se torne fundamento. Vide a ciência: Newton dominou por mais de cento e cinquenta anos.

Precisamos de método que estimule a variedade e converta a busca de conhecimento em atividade mais plástica e menos dogmática.”

## 5

Então, um político disse: “Fala-nos do caos.”

E ele respondeu:

“Sem caos não há conhecimento.

Bastam, todavia, algumas frases bem torneadas para despertar o temor do Caos na mais esclarecida audiência e levá-la a desejar ardentemente regras simples e dogmas que lhe sejam dados seguir.

Esse medo quase universal do caos e anseio por diretriz objetiva deixam-me perplexo.

É por isso que a ciência deixou de ser aventura filosófica para tornar-se negócio.

Sem frequente renúncia à razão não há progresso.

Quando nos libertamos dos grilhões de um modo de expressão e pensamento bem construído e claro, surge o caos de sensações; os sentimentos tornam-se efêmeros, ambivalentes, contraditórios; veem-se abertos caminhos para explorar imaginativamente os mundos possíveis.

## 6

E um ativista ambiental disse: “Mestre, que nos dizes da poluição?”

E ele respondeu:

“Preocupa-me a poluição intelectual.

Livros chãos e vazios inundam o mercado. Palavreado penetrado de termos estranhos e esotéricos pretendem expressar introvisões profundas.

Pretensos especialistas, sem inteligência e sem caráter e até sem traço de índole intelectual, estilística e emocional, falam-nos acerca da condição humana e dos meios de aperfeiçoá-la.

E não pregam apenas para nós que podemos perceber quem são, mas também para nossos filhos e têm permissão de arrastá-los para a sua própria miséria intelectual.

Muitos atuam como professores e recorrem às notas e ao temor da reprovação; moldam o cérebro dos jovens até que eles percam a última dose de imaginação.

Uma coisa deve ser evitada a qualquer custo: não se deve permitir que os padrões de uma área se infiltrem na educação geral e sejam modelo do homem bem educado.

A educação deve preparar o cidadão para escolher entre os padrões ou para encontrar seu caminho na sociedade; ela nunca deve acomodá-lo aos padrões de um grupo determinado.

Devemos até impedir que os cientistas assumam o controle da educação e passem a ensinar como fato e como único método verdadeiro o que, por acaso, esteja sendo o mito do dia; a concordância com a ciência deve resultar de exame e de seleção e não de imposição por uma maneira particular de criar as crianças.

## 7

Então, um militar de alta patente disse: “Fala-nos da autoridade da ciência.”

E ele respondeu, dizendo:

“A ciência não tem autoridade maior do que qualquer outra forma de vida. Seus objetivos não são, por certo, mais importantes do que os propósitos orientadores de

uma comunidade religiosa ou de uma tribo que se mantém unida graças a um mito.

Se parece que os cientistas sabem mais do que os outros, isso ocorre apenas porque estudam o problema que escolhem por longo tempo e conhecem bem a situação. Só muito raramente eles resolvem os problemas que estudam e, além disso, cometem erros numerosos e oferecem frequentemente soluções impraticáveis.

Não são os cientistas detentores de nenhuma varinha epistemológica de condão, embora eles pensem o contrário.

A ciência não é sacrossanta.

É claro que os cientistas são influentes e podem até participar de decisões governamentais. Nisso reside grande erro, e a união entre Ciência e Poder é grandemente prejudicial à humanidade.

Que os cientistas participem das decisões. Mas que não lhes seja dada nenhuma autoridade dominante.

O correto é que todas, absolutamente

todas, as questões fundamentais sejam resolvidas pelo método da ampla discussão seguida do voto de todos os interessados.

Os cientistas devem desempenhar seu verdadeiro papel social. É tempo de reduzi-los às devidas proporções e de atribuir-lhes mais modesta posição na sociedade.”

## 8

E um adolescente, que tinha nas mãos algumas revistas em quadrinhos, disse: “Fala-nos dos super-heróis intelectuais.”

E ele respondeu:

“Sem personagens extraordinárias, a humanidade ainda estaria nas árvores.

Os heróis do pensamento são intelectuais perturbadores sem profundidade, que avançam, enquanto os pensadores sérios ficam presos à lama.

Vejamos o caso de Galileu Galilei. Ele não se detinha para analisar os pontos relevantes dos assuntos de que tratava:

não examinava os pontos ordenadamente e não considerava as causas; suas construções eram sem alicerces.

Galileu empenhou-se em defender teoria que era inadequada e filosoficamente absurda. Eis aí em que reside seu heroísmo. Se ele fosse covarde e lógico talvez ainda crêssemos que o Sol gira em torno da Terra. Mas ele teve a ousadia de usar recursos psicológicos e de recorrer à propaganda. Chamou seus oponentes de imbecis.

Galileu valeu-se das não recomendáveis hipóteses *ad hoc* e foi bom que delas fizesse uso. Galileu merece aplausos por ter-se inclinado a dar guarida a hipótese interessante, ainda que infundada, e não a uma hipótese chã, mesmo que essa fosse adequada.

Galileu, como católico fiel, estava empenhado na esforçada tentativa de evitar cometesse a Igreja o crasso erro de condenar a doutrina de Copérnico como heresia. Galileu fez, acerca de Copérnico, numerosas afirmações errôneas, com o propósito de

colocar o astrônomo revolucionário mais próximo da Igreja Católica Romana do que os puros fatos indicavam.

Galileu, com seu incomparável heroísmo, violou importantes regras do método científico e alcançou êxito porque não obedeceu a essas regras.

Galileu, como ninguém, mostrou-nos como manejar meios irracionais, como a propaganda, a emoção, as hipóteses *ad hoc* e os preconceitos de toda a espécie, para bem defender ideias.

Não nos esqueçamos de que a aventura de Galileu ainda não chegou a seu termo. Continuemo-la.”

## 9

Então, um viajante, que também esperava o seu avião, e que, para afastar o tédio, se havia acercado, dos que ouviam o Profeta, decidiu manifestar-se e o fez assim: “Mestre, se entendi tuas palavras, que

ouço pela primeira vez, percebo que pregas o princípio da contestação; pergunto-te, então, por que, por puro espírito de contradição, não saltas pela janela em vez de descer pelas escadas ou tomar o elevador para atingir o andar térreo?”

Ao ouvir essa manifestação, os lábios do Profeta descerraram-se em sorriso largo que externava incontida felicidade. E ele disse:

“Admito prontamente que sou covarde.

Não são as razões que me apresentam os mais prolixos e entusiasmados não saltadores que me mantêm longe das janelas e dos lugares altos. Tal como um gatinho que se afasta até mesmo da figura de um abismo, faço o mesmo, pois o medo que tenho das alturas é comportamento inato.

Ainda que acredite que as muitas narrações acerca dos efeitos mortais da queda de grandes alturas possam não ser mais do que boatos, não vejo por que eu deva comportar-me sempre de modo contrário ao

costumeiro, mesmo sendo eu contestador contumaz e inimigo figadal da unanimidade de opinião, mormente se estiver envolvida na questão minha sobrevivência física, da qual, parece-me, tudo o mais depende.”

## 10

Então, um literato disse: “Fala-nos do escrever e do argumentar.”

E ele respondeu:

“Não me inclino a comprimir ideias em espaços acanhadíssimos e a adotar estilo rígido, conciso e desgracioso, despido de adorno, como é o dos geômetras puros que só utilizam as palavras de estrita necessidade.

Não considero errôneo falar de coisas múltiplas e diversas, mesmo nos textos devotados a um único assunto, pois entendo que a grandeza, nobreza, excelência de nossos feitos e invenções não está no que é necessário, mas no que não o é. Devemos incidir em digressões contínuas e não nos

deter em explicar tudo o que é relevante em cada ponto; em não examinar os pontos ordenadamente; em não considerar as causas primeiras; em construir sem alicerces.

Quando a intenção é abalar o fundamento do bem-estar geral, passa a ser não apenas procedente, mas permissível e até louvável, ajudar a boa causa por todos os meios, antes de permitir que a vantagem passe ao oponente.”

## 11

E um professor de ciências disse: “Que pensas da educação, mestre?”

E ele disse:

“Não pode ser outro o objetivo da educação, senão a tentativa de fazer crescer a liberdade, de atingir a vida completa e gratificadora e de descobrir os segredos da natureza e do homem.

Isso não pode ser conseguido sem a rejeição de todos os padrões universais

e de todas as tradições rígidas, pois o mundo que desejamos conhecer é vasto e complexo e devemos, pois, conservar-nos abertos para as opções sem restringi-las de antemão.

A educação científica, tal como a conhecemos, simplifica a ciência e a considera como desligada do resto da História. Todas as características humanas são indispensáveis para o bom desempenho das atividades científicas, e o treino dos cientistas deve mostrar-lhes isso. A religião da pessoa, sua metafísica, ou seu senso de humor devem ser parte da atividade científica, sem o que, a imaginação vê-se restringida e, erroneamente, os fatos científicos passam a ser vistos como independentes de opinião, de crença ou de formação cultural.

Por causa desses erros conceituais e da má pedagogia que eles originam, uma disciplina qualquer, como a física, a medicina ou a biologia, parece difícil. Mas, isso ocorre, porque ela é mal ensinada, porque as

lições estão repletas de material redundante e porque a elas nos dedicamos já muito avançados na vida.”

## 12

Então, um bem informado cidadão que ouvia atentamente as palavras do Profeta disse: “Mestre, há indiscutível sabedoria em suas palavras, mas temo que, se elas forem seguidas, haverá colapso da tecnologia e o mundo ficará pior do que é.”

E ele percebeu que todos os ouvintes ficaram preocupados, pois forte silêncio caiu sobre eles. O Profeta olhou, então, para a multidão e, com largo sorriso nos lábios, disse com voz forte:

“Nada há que temer.

Sempre haverá pessoas que preferirão ser cientistas a ser donos de seus destinos e que se submeterão alegremente à mais desprezível forma de escravidão, a intelectual, contanto que se vejam bem pagos

e que tenham em torno de si quem lhes examine o trabalho e lhes cante louvores.

A Grécia se desenvolveu, porque pôde contar com o serviço de escravos, involuntariamente reduzidos a essa condição. Nós nos desenvolvemos com o auxílio de numerosos escravos voluntários, que trabalham em universidades e laboratórios e nos propiciam algumas coisas úteis.

Tratemo-los bem, mas não nos calemos quando vierem eles jogar sobre nós ideias insignificantes que ingenuamente creem ser de lapidar sabedoria.”

### 13

Então, um pós-graduando que buscava orientação para a vida disse: “Fala-nos sobre as regras que possam dirigir nossa vida intelectual.”

E ele respondeu:

“Que nossa tarefa não seja mais a de buscar a verdade, ou de louvar a Deus, ou a

de sistematizar observações, ou a de aperfeiçoar as previsões. O que quisermos que ela seja deve ser apenas efeito colateral de uma atividade para a qual todas as forças devem ser concentradas: tornar forte o argumento fraco.

Responderei a sua indagação em duas fases. Primeiro examinarei, não a regra, mas a contrarregra que nos deve impelir a desenvolver hipóteses que não se ajustam a teorias aceitas e confirmadas. Posteriormente, falarei da contrarregra que nos deve levar a desenvolver hipóteses que não se ajustam a fatos bem estabelecidos.

Devemos sempre adotar metodologia pluralista. O conhecimento não é série de teorias coerentes, é, antes, oceano de alternativas mutuamente incompatíveis, onde nada é jamais definitivo, onde nenhuma forma de ver deve ser omitida. Devemos sempre buscar introduzir concepções novas. Compete-nos, antes, aperfeiçoar ideias que foram vencidas no embate intelectual, do

que afastá-las do campo de debates. Procedendo dessa maneira, mostrar-se-á que certas teorias que aparentam ser sólidas não são tão bem fundadas quanto se admite.

Especialistas e leigos, profissionais e diletantes, mentirosos e amantes da verdade, todos estão convidados a participar dessa atividade e a trazer contribuições para o desenvolvimento de nossa cultura.

Ademais, precisamos de atenção especial para as supostas discrepâncias entre os fatos, observações e resultados experimentais e a teoria a que eles se referem. Dizer que o gato é pardo, quando o vemos em circunstâncias normais, e que o gato parece pardo, quando o vemos quando está escuro e nos sentimos inseguros quanto a nosso poder de observação, expressa nossa convicção de que há circunstâncias em que nossos sentidos se enganam. Em geral, não nos damos conta disso, e só nos damos conta do problema, quando defrontamos visões do mundo inteiramente diversas; descobrimos

nossos preconceitos, graças à comparação e não à análise.

Não podemos descobrir o mundo a partir de dentro. Precisamos sempre de pressupostos alternativos; de todo um mundo alternativo. Necessitamos de mundo imaginário para descobrir os traços do mundo real que supomos habitar, e que, talvez, em realidade, não passe de outro mundo imaginário.”

## 14

Então, um velho sacerdote disse: “Fala-nos dos mitos.”

E ele respondeu:

“Lembre-mo-nos de um mito, como o da feitiçaria e da possessão demoníaca, desenvolvida por teólogos católico-romanos, e que, no continente europeu, dominou o pensamento do século XV, XVI e XVII. Esse mito é sistema explicativo complexo, que encerra numerosas hipóteses auxiliares,

destinadas a abranger casos especiais, de sorte que facilmente alcança alto grau de confirmação.

Esse mito foi ensinado por longo tempo; seu conteúdo recebeu o reforço do medo, do preconceito, da ignorância e de exercício clerical zeloso e cruel.

Suas ideias penetraram o idioma comum; infeccionaram todas as formas de pensamento e atingiram muitas decisões de relevante significação para a vida humana.

O mito proporciona modelos de explicação de qualquer evento concebível.

Assim sendo, seus termos-chave ver-se-ão fixados de maneira clara e suas ideias insinuar-se-ão em todos os meios de comunicação, em todas as ações e, afinal, em toda a vida da comunidade.

Surge, então, a impressão de que, finalmente, a verdade foi alcançada.

Mas a aparência de verdade absoluta não passa do resultado de conformismo absoluto.

O mito não tem, pois, relevância objetiva; continua a existir apenas como resultado do esforço da comunidade de crentes e de seus orientadores, sejam estes sacerdotes ou vencedores do Prêmio Nobel, visto que as semelhanças entre o mito e a ciência são inegavelmente de espantar.”

## 15

Então, uma cientista e um filósofo, que discutiam sem chegar a acordo, disseram: “Fala-nos da separação entre ciência e não ciência.”

E ele respondeu, dizendo:

“A separação entre ciência e não ciência não é apenas superficial, mas perniciosa para o avanço do saber.

Se desejamos compreender a natureza, se desejamos dominar a circunstância física, devemos recorrer a todas as ideias, a todos os métodos, e não apenas a reduzido número deles.

A asserção de que não há conhecimento fora da ciência – *extra scientiam nulla salus* – nada mais é do que outro e convenientíssimo conto de fadas.

As tribos primitivas faziam classificações de animais e de plantas; conheciam remédios.

Houve, no passado, astronomia desenvolvida, como mostram os observatórios de pedra na Inglaterra e no Pacífico Sul.

Resolveram-se, em tempos remotos, problemas difíceis, por meios ainda não perfeitamente entendidos, como a construção de pirâmides e as viagens oceânicas polinésias.

Houve a domesticação de animais, a criação da agricultura, a seleção de novos tipos de plantas.

Por certo, não houve excursões coletivas à Lua ...

Mas, em todos os tempos, o homem enfrentou as circunstâncias, de olhos abertos; em todos os tempos, realizou

descobertas incríveis; em todos os tempos, há ensinamentos a colher em suas ideias.”

## 16

Então, chegou a hora do embarque.

E a discípula disse: “Bendito seja este dia e este lugar e teu espírito que nos falou.”

E ele respondeu: “Fui realmente eu quem falou? Não era eu também um ouvinte?”

Depois, dirigiu-se à sala de embarque, e toda a multidão o seguiu.

E virando-se novamente para a multidão, ergueu a voz e disse:

“Povo amado, é o momento de vos deixar.

Breves foram os meus dias entre vós, e mais breves ainda as palavras que pronunciei.

Muitos sábios vieram oferecer-vos sua sabedoria. Eu vim tomar de vossa sabedoria.

Eu somente expressei em palavras o que já sabíeis em pensamento.

Destes-me sede mais profunda de viver.

Dais muito, e não sabeis que dais.

Se essas forem palavras vagas, não as procureis esclarecer.”

Tendo dito essas coisas, voltou-se e viu que seus companheiros de viagem já haviam embarcado.

Virou-se novamente para a multidão e disse: “Meu adeus a vós e ao tempo que passei entre vós.”

E então dirigiu-se para o avião e não o viram mais.

O avião levantou voo e desapareceu na distância.

E a multidão se dispersou, e cada um, só, rememorava em seu coração as palavras do profeta.



# **ESCRITOS ANÁRQUICOS DE UM ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO AINDA APRENDIZ**

## **1**

O anarcoepistemólogo visa à criação de sociedade intelectual sem governo. Isso quer dizer que não há nessa coletividade lugar análogo ao de rei, presidente, papa, patrão etc. Os títulos acadêmicos têm valor meramente social e não são patentes intelectuais. Cargos burocráticos também nada significam. O anarcoepistemólogo reconhece as convenções sociais, mas não as transfere para o mundo intelectual. Analisa e critica uma ideia, sem se importar se ela é proposta por superior ou inferior hierárquico ou por personagem famosa ou desconhecida.

## **2**

O anarcoepistemólogo tudo faz para não ser reconhecido como tal. Não usa sig-

nos identificadores. Isso faz, não por que se envergonhe da causa que abraçou, mas por que acredita que suas ideias devem ser ocultadas de todos. O anarcoepistemólogo não é proselitista; não divulga ostensivamente a causa. A discrição e a sutileza fazem parte de sua estratégia. Não avisa que colocará bombas epistemológicas. Não reivindica as honras de ser autor de atentados gnosiológicos bem sucedidos. Gosta do silêncio e da escuridão.

### 3

Os ataques dos anarcoepistemólogos visam sempre às ideias do oponente e nunca a sua pessoa. Se o oponente for alguém por que temos antipatia, melhor.

A defesa das ideias faz-se tendo em mente a ideia em si e o ideal da pluralidade de ideias. O anarcoepistemólogo não é advogado de pessoas, mas de causas. Se defendemos ideias de pessoas que nos são

simpáticas, melhor. Paciência, no entanto, se concordamos com inimigos pessoais.

#### 4

O anarcoepistemólogo muito raramente se agrega a outro anarcoepistemólogo. Odeia assembleias, lemas, bandeiras, congressos e coisas do gênero.

Quando um anarcoepistemólogo encontra outro, basta-lhes rápida troca de olhares. Não falarão jamais de seus métodos anarquistas. Se necessário saudar um camarada, deverá dizer algo como: *Lembra-te de que todas as ideias morrem* ou algo original que evoque a causa anarcoepistemológica (e que não venha a converter-se em fórmula). Dizer *tudo vale*, em tal situação, jamais.

#### 5

É mais importante polemizar do que vencer a polêmica. Mais importante do que

o prazer de discutir é a alegria de examinar o conteúdo das ideias.

Verificada a inadequação de uma ideia, trabalha-se na sua reformulação. Observada a falsidade da ideia, abandona-se-lhe imediatamente e muda-se para outro acampamento teórico.

Há prazer na vitória, mas há alegria na luta. Por isso, as lutas não devem ser vãs, mas, apenas, por algo em cujo valor se acredite.

## 6

Nada há que o anarcoepistemólogo mais ame do que a liberdade. Assim, deve ele muito bem saber que tipo de pessoas são seus adversários e seus aliados. Ao escolher o lado em que participará no embate intelectual, é importante que o anarcoepistemólogo tome o cuidado de certificar-se se não se posicionou ao lado de inimigos da liberdade, pois, se o fizer, estará ajudando a

empilhar lenha na fogueira em que ele próprio será queimado vivo no futuro.

O anarcoepistemólogo crê que tudo vale, mas não acredita que tudo tem o mesmo valor. Há ideias que criam ambiente propício ao surgimento de novas ideias. Outras há, ao contrário, que impedem o aparecimento de novas ideias e, contra elas, o anarcoepistemólogo deve opor radicalmente todas as suas forças.

## 7

Ainda que o anarcoepistemólogo vise a contribuir para o progresso da sociedade, deve ele rejeitar os agrupamentos. O indivíduo inserido num bando deve ser olhado com desconfiança e até com temor. Apartado do rebanho, todavia, deve, obviamente, o indivíduo receber do anarcoepistemólogo toda a atenção possível e ser objeto da mais sincera e profunda afeição.

Todos os indivíduos devem ser ouvidos (e sempre ser considerados dignos disso); suas ideias devem ser rigorosamente analisadas e criticadas. O mais rude iletrado e o mais refinado intelectual são igualmente geradores e reprodutores de toda a sorte de absurdidades, mas é possível, se tivermos sorte, recolher dois ou três pensamentos aproveitáveis.

Ouçamos a todos, pois todos podem nos ensinar algo; critiquemo-los, pois, assim, poderemos ensinar algo a eles. Evitemos os bandos, pois são perigosos e fortes; isolados, os indivíduos são o que todos são: fracos.

Como já disse alguém: *Confie em Einstein, mas desconfie de uma comissão de Einsteins.*

## 8

O anarcoepistemólogo não praticará a idolatria, nem buscará o proselitismo. Se ele tiver heróis, dar-se-á ao pequeno trabalho de

estudar-lhes a biografia e descobrir o homem que há dentro de todo o suposto semideus. Verá, por exemplo, que o grande Isaac Newton, monstro da racionalidade, foi alquimista e teólogo (que acreditava que o mundo foi criado em 4004 a.C.). Não omitirá isso, sempre que lhe apresentarem Newton como modelo de racionalista; (esconderá o fato, todavia, se precisar defender o racionalismo.)

É dever fundamental do anarcoepistemólogo defender arduamente a postura de Galileu Galilei em seu famoso embate contra os defensores da visão ptolomaico-aristotélica do universo. Elogiá-lo-á, tanto quanto o fez Feyerabend. Apontá-lo-á como modelo de cientista e o denominará *pai da ciência*. Abençoará todas as ações galileanas. Isso fará, no entanto, apenas, se o oponente atacar Galileu; se, em vez disso, ele o defender, ainda que o faça com os mesmos termos e ênfase usados por Feyerabend, então, o anarcoepistemólogo adotará postura de ataque e mostrará as inúmeras falácias usadas

pelo insigne físico e matemático italiano, suas inúmeras falhas de argumentação e a tacanhez de sua personalidade.

## 9

Não pode, nem deve haver, por princípio, credo, catecismo ou guia anarquista. Escrever catecismos, guias, credos, manuais etc., é recurso que a autoridade usa para colocar os outros intelectual e emocionalmente sob seu domínio.

Todavia, não pode o anarcoepistemólogo deixar de reconhecer que a experiência confere valor especial a quem a tem. Quem se dedica, por longo tempo, a um estudo tem, em tese, condições de conhecê-lo melhor do que um iniciante ou um leigo. Esse tempo acaba por outorgar, certamente, à pessoa um certo tipo de autoridade, que não lhe dá o direito de considerar-se o único conhecedor da matéria e, por isso, de desprezar as opiniões alheias. Essa autoridade,

legítima e digna, torna-o obrigado de transmitir seu conhecimento aos outros.

Visto que o anarcoepistemólogo também adquire experiência em seu trabalho intelectual, vê-se ele, queira ou não, envolto no halo de autoridade. Cabe-lhe, então, mostrar que é possível usar o poder que a autoridade tem para promover a liberdade e a diversidade de pensamento. Na função de professor, por exemplo, deve ele comportar-se como um colega mais velho e transmitir não somente seu conhecimento como também seu entusiasmo e amor pela vida intelectual e demonstrar respeito pelas ideias alheias, interesse em promover pluralidade teórica e ardor pelo debate.

## 10

É grande erro discordar da fórmula *tudo vale*, usada por Feyerabend para resumir suas ideias, por considerá-la exagerada. Erro igual é pensar que ela expressa a noção

de que realmente tudo vale. Se encontramos um relativista que diz que tudo vale, pois tudo tem o mesmo valor, devemos então imediatamente nos opor a ele. Se, por outro lado, encontramos um metodologista rigoroso que afirma que fora da ciência não há salvação, é dever também enfrentá-lo com todo o nosso instrumental argumentativo.

A arte da oposição é graça reservada a todos que amam o mundo do pensamento. Poucos a praticam, no entanto. O alvo da oposição é sempre a ideia, nunca a pessoa que a defende. Por isso, podemos-nos antepor até às ideias que nos são caras, desde que elas sejam expostas por outrem. A oposição burila as boas ideias e anula as más e é o motor principal da pluralidade teórica.

Oponha-se ao método; não necessariamente ao método científico. Se em sua comunidade o normal é aplicar rigorosamente os procedimentos metodológicos científicos, busque ardorosamente encontrar novas luzes fora deles. Se, em vez disso, o habitual em

sua comunidade é não recorrer ao método científico, defenda-o, então, intransigentemente. Oponha-se sempre à maioria.

## 11

O principal objetivo do anarcoepistemólogo é a promoção de diversidade de ideias dentro de um campo de conhecimento. O anarcoepistemólogo tem horror à monotonia da unanimidade de visão de mundo. Acredita que a diferenciação de opiniões é, em si mesma, o fator de progresso e, por isso, empenha-se, com todas as forças, em evitar a redução das dimensões intelectuais das comunidades em que atua.

A harmonia de uma comunidade intelectual estabelece-se, não ao redor de ideias e de métodos específicos, mas em torno da tolerância e do livre debate. Apenas quando ideias são abertamente expostas e criticadas, há possibilidade de progresso contínuo e irreversível.

Só a liberdade traz a criatividade, a espontaneidade e a autodisciplina. As comunidades de ideias não devem ser vistas como exércitos ou igrejas, nem como fábricas, fazendas ou bancos. A transformação de trabalhadores intelectuais em operários ou gerentes de ideias elimina todas as características agradáveis das atividades do pensamento e converte os que a elas se dedicam em personagens apagadas, não obstante os títulos acadêmicos, honrarias e vantagens que possam ostentar.

O anarcoepistemólogo trabalha continuamente para que sua comunidade não seja apequenada pelas tendências uniformizadoras que marcam a maioria das coletividades humanas.

## 12

*TUDO VALE!*

Quantos perigos encerra essa pequenina frase!

Que erro imenso considerá-la universalmente válida.

Que atitude antianarcoepistemologista, convertê-la em lema e usá-la para justificar todo tipo de atitude!

*Tudo vale* é tentativa imperfeita de sintetizar a ideia de que a adoção exclusiva de procedimentos metodológicos rígidos limita o progresso do pensamento e de que é imperativo promover a diversidade teórica. Tudo vale, pois, para promover a riqueza de ideias.

O primeiro objetivo do anarcoepistemólogo é promover a diversidade de visões sobre determinado assunto, quer defendendo alguma teoria desusada, quer buscando formular novas teorias. É mais importante diversificar ideias do que estar certo.

O *tudo vale* que norteia a ação do anarcoepistemólogo não o autoriza a usar todo e qualquer recurso para escudar seus procedimentos. Ao contrário de alguns poucos camaradas seus, que recorreram, na

ação política, no passado, à bomba, à arma de fogo, ao punhal ou à corda, certos de que a revolução que preparavam santificaria qualquer de seus atos, o anarquista de nossa época, que age no campo do conhecimento, não recorrerá, a não ser em legítima defesa de suas ideias, e nunca em primeiro lugar, a instrumentos escusos, como a mentira, a fabricação de dados, a cizânia, a articulação de bastidores e a tantos quantos meios houver, e, se for necessário praticar a essas ações, nada fará que implique na ameaça à integridade física ou na morte de seus oponentes intelectuais.

## **13**

### **O ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO E O IRRACIONALISMO**

Muitos acusam o anarquismo epistemológico de fortalecer as correntes irracionais. Nada pode ser mais incorreto. Os

anarquistas epistemológicos amam a liberdade e não há liberdade onde impera o irracionalismo.

Quando o anarcoepistemólogo combate a Razão, quase sempre o faz porque algum grupo se apoderou dela e a transformou em monstro aterrador, que exige adoração e sacrifícios abundantes.

Como não se sabe o que é razão, mas se sabe que é ela fonte de progresso e de liberdade, muitos oportunistas se apropriam da palavra que a designa e erigem em torno dela sistema de dogmas que é imposto aos racionalistas ingênuos e incautos. O mesmo processo é usado com outros conceitos importantes, como Ciência, Progresso etc., e formam o que se chama, no jargão anarcoepistemologista, de *monstros abstratos*.

Não se cultua publicamente a Irração, mas se adora a Razão. Como o anarcoepistemólogo não tem propensão à idolatria, não o encontramos ajoelhado perante nenhum desses falsos deuses.

O anarcoepistemólogo é, de fato, aliado dos racionalistas. Quando recorre a procedimentos irracionais, e o faz frequentemente, assim age para restaurar a racionalidade que foi entorpecida pela imposição de algum sistema autoritário.

A racionalidade e a irracionalidade são irmãs xifópagas. Uma não pode existir sem a outra. São contrárias e complementares. A irracionalidade faculta a criação irrefreada de ideias; é a fonte das novidades, do inusitado. Mas o que ela gera pode ser disforme, errôneo, sem correspondência com o mundo, ilusão. É, então, que age a razão. Toma ela o que a irracionalidade apresenta e analisa, mede, pesa, compara pondera, reflete, e conclui, estabelecendo o que é adequado e o que é inadequado, com as devidas justificativas. Só a irracionalidade é criativa, mas apenas a racionalidade é confiável. A imaginação criadora irracional tem o poder de conduzir-nos ao céu ou ao inferno e só a razão permite-nos saber para onde estamos indo.

É a irracionalidade que nos permite sonhar com a liberdade e o progresso, mas é a razão que nos possibilita atingi-los.

E onde há razão há liberdade e progresso, ainda que apenas em aspiração, e é aí que o anarquista epistemológico encontra alegria e repouso.

## 14

### ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO OU DADAÍSMO EPISTEMOLÓGICO?

Feyerabend denominou seu sistema filosófico de *anarquismo epistemológico*. Fê-lo, diz o filósofo, no início de *Contra o método*, apenas para acompanhar o uso geral da palavra anarquismo, pois desejava, em verdade, usar a expressão *dadaísmo epistemológico*. Isso porque o incomodava muito encontrar no meio anarquista número grande de personagens que não praticavam o que pregavam. Mais do que encontrar mentes

ditatoriais que faziam par com línguas libertárias, porém, desencantava-o, sobretudo, a multidão de rostos empedernidos, incapazes de expor um dos mais fascinantes e humanos dos comportamentos: o de sorrir.

Incapacitado de compreender que a vida intelectual estivesse desvinculada da alegria e da felicidade, pensou Feyerabend ser inoportuno ligar suas ideias ao que pudesse ser relacionado à sisudez e a certo tipo de puritanismo, tão comuns, lamentável e inexplicavelmente, entre os anarquistas. (Feyerabend considerou uma única exceção: Daniel Cohn-Bendit, que atuou no movimento estudantil, em Paris, em 1968.)

Lembrou-se, então, Feyerabend dos dadaístas, artistas que, no início do século XX se opuseram à arte acadêmica, e o fizeram com inigualável imaginação e bom humor. Nada melhor, pois, pensou o filósofo austríaco, do que nomear o novo movimento de *dadaísmo epistemológico*, para, com isso, acentuar que ele contém as duas

qualidades superiores de inteligência e emotividade mencionadas.

Foi bom, no entanto, que Feyerabend não o fizesse. O *anarquismo epistemológico* é, com efeito, muito mais anarquista do que dadaísta. Luta ele, prioritariamente, contra o autoritarismo e, para fazer isso, recorre a qualquer recurso de que puder lançar mão. Já o dadaísta combate padrão de comportamento bem definido e, assim, define claramente o que é permitido fazer e o que não é. O anarquista epistemológico não reconhece proibições; para combater o autoritarismo, tudo lhe é permitido, o que significa que poderá recorrer, sem contradição, a comportamento revolucionário ou conservador; no entanto, nunca será autoritário. Já o dadaísta carregará eternamente o fardo de ter de agir somente como revolucionário; comportamentos e ideias conservadoras ser-lhe-ão sempre pecaminosos; e, no embate intelectual, não deixará de usar, se necessário, técnicas próprias dos ditadores.

O anarquista epistemológico é anarquista sim, e não dadaísta. Mas, como queria Feyerabend, anarquista que sorri!

## 15

### O MÉTODO CIENTÍFICO E O CONTRA-MÉTODO ANARQUISTA

Nada há de errado com o método dito científico em si mesmo. Ocorre, todavia, que os metodologistas, em geral, teimam em acreditar que o rol de regras orientadoras da atividade científica se estende muito além dos procedimentos de investigação e pode até dirigir o bem-pensar dos cientistas. Mesmo havendo, num método, regras úteis, se outras houver que determinem até como se levantar da cama de manhã cedo, então o conjunto metodológico é prejudicial, pois tolhe a liberdade de pensar e, conseqüentemente, a criatividade, matéria prima da evolução da humanidade.

O anarquismo epistemológico não pode ser contra o método científico. O chamado método científico compõe-se de regras que permitem eliminar ideias errôneas, e as dele se beneficiam, sobretudo, as ciências naturais. Como o anarquista epistemológico abomina o poder, e como estruturas de poder podem ser construídas tendo ideias oriundas das ciências naturais como constituintes, derrubar ideias é enfraquecer o poder. Quanto mais rapidamente as ideias puderem ser derrubadas, menos tempo terão os oportunistas amantes do poder para construir seus sistemas de privilégios e de exclusões. As ciências naturais (e cada vez mais as ciências humanas também) oferecem campo de atuação extraordinário aos anarquistas, que podem nelas conciliar a atuação intelectual com a ação política, e ser, destarte, não somente anarcoepistemólogos mas também anarquistas *lato sensu*.

O excesso de regras eventualmente colocado em volta das que compõem o

método científico propriamente dito retarda ou impede o surgimento de ideias e, assim, atravanca o progresso das ciências. Ao contrário, se não há impedimentos à aparição de ideias, o método científico de eliminação de hipóteses estará continuamente sendo alimentado e haverá progresso. Somente a atmosfera de liberdade criada pelo anarquismo epistemológico permite que as regras simples do método de teste de hipóteses não sejam atrapalhadas por regras espúrias que se arvoram em dirigir o pensamento e levam necessariamente a enfraquecer a criatividade, com a instalação da censura e da autocensura.

Se compararmos os dois processos, o excessivamente metódico e o anarquista, a funis, concluiremos que a principal e única diferença existente entre eles refere-se à abertura do cone coletor: a do funil metódico é estreita, enquanto a do anarquista é extremamente larga. A ciência regida por método excessivamente complexo poucas

ideias acolhe e, assim, somente de quando em quando, tem hipóteses disponíveis para teste. Ao contrário, na ciência em que se aplicam os princípios anarquistas, há abundância de ideias, mais rapidamente são elas submetidas a teste, e a que sobrevive à fase eliminatória do processo logo se vê confrontada com outras que surgem e se empenham em derrubá-la; e isso se repete ao infinito.

Nessa imagem de funil evocada, a parte estreita cilíndrica representa o método científico propriamente dito, isto é, o método de eliminação de hipóteses, que é igual, tanto para o funil metódico, quanto para o anarquista. Os cones coletores representam a extensão do método, que não faz parte dele, mas sem a qual ele não funciona. Se o coletor de ideias vai buscá-las em toda parte (nas ciências afins, nas mais distantes, na metafísica e, até, na teologia), logo o processo eliminatório de ideias é ativado e a área da ciência em questão dá salto de qualidade. Se o coletor é mesquinho, demasiadamente

rigoroso, pouco disposto a ir buscar novidades disponíveis longe, há, frequentemente, apenas uma ideia que reina absoluta sem oposição e, só muito raramente, e com muita dificuldade, uma antagônica se apresenta.

Pode-se também imaginar a ciência como uma ilha de racionalidade cercada por oceano de irracionalidade. A vida do povo dessa ilha depende totalmente dos frutos do mar. Quanto mais eficiente forem os ilhéus em colher material no mar, mais rica será sua vida em terra; limitada ou interrompida a coleta, estabiliza-se, fenece ou mesmo se extingue a vitalidade insular. Os corajosos navegadores que mais se afastam dos limites da ilha são os que mais abundante e proveitoso material trazem.

Jonathan Swift, genial escritor irlandês, riu-se da ciência e dos cientistas, quando imaginou a Academia de Lagado, visitada por seu viajante imaginário, Lemuel Gulliver, que ali encontrou grande número de projetos absurdos, destinados

a, supostamente, melhorar as condições de vida da humanidade. Na mencionada Academia, Gulliver encontrou, entre seus engenhosos membros, um que inventara máquina que formava frases combinando palavras aleatoriamente; das frases assim originadas, as que faziam sentido eram selecionadas, pelo sábio projetista e por seus ajudantes, com o intuito de ser reunidas para formar novos sistemas filosóficos. Ora, é mais ou menos assim que o anarquismo epistemológico imagina que as comunidades intelectuais devam funcionar. As ideias devem ser livremente criadas, sem nenhuma preocupação apriorística, senão a de concebê-las livre e abundantemente; feito isso, haverá certamente material abundante para construir sistemas teóricos, cuja validade poderá ser investigada pela verificação de se eles nos dão novas luzes para examinar o mundo real ou não. Pelo menos um dos projetos concebidos em Lagado funciona, mas não precisamos da engenhosa máquina

concebida pelo criativo acadêmico, pois a natureza já construiu uma muito eficiente: Nossos cérebros.

## 16

FOI GALILEU GALILEI O ÚNICO  
ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO  
QUE ATUOU NA POLÊMICA  
COSMOLÓGICA DO SÉCULO XVII?

O homem necessita de heróis. Até os iconoclastas elegem seus heróis destruidores de ídolos e os idolatram.

Feyerabend escolheu Galileu Galilei como modelo de ativista anarcoepistemólogo. Muitas páginas de *Contra o método* são usadas para exaltar os procedimentos e atos do físico e matemático toscano.

Como, no entanto, não é possível caracterizar adequadamente as ações anarquistas no campo epistemológico, não há como dizer, com segurança, que tão somente

Galileu Galilei se orientou por esses nobres princípios. Pode-se dizer apenas, inquestionavelmente, que foi ele o mais explícito anarquista atuante na polêmica cosmológica que colocou em confronto os heliocentristas e seus adversários.

Feyerabend não aponta nenhum outro anarquista além de Galileu. Fê-lo, talvez, para não empalidecer a imagem de seu herói. No capítulo XVI de *Contra o método*, o filósofo chega a ensaiar atribuir ao cardeal Roberto Bellarmino, o mais notável opositor de Galileu, algumas virtudes anarquistas. Arrisca-se a dizer que talvez Bellarmino tenha querido preservar as pessoas simples das inquietantes dúvidas que a admissão do modelo heliocêntrico lhes traria e tenha, assim, optado em adotar posição conservadora, até que houvesse provas sólidas da mobilidade da Terra. Não seria também esta atitude digna de ser considerada anarquista? Por que não? Certamente que o seria. Falta-lhe, todavia, heroísmo e teatralidade.

(É fácil entender que Berthold Brecht tenha escrito *Leben des Galilei* em vez de *Leben des Bellarmino*.)

Bellarmino foi tão anarcoepistemólogo quanto Galileu, pelo menos enquanto agiu no campo intelectual. Propôs que a hipótese heliocêntrica fosse tomada apenas como recurso para facilitar cálculos astronômicos, visto que ela não possuía nenhuma evidência de realidade. Isso era bastante engenhoso e, talvez, melhor do que defender ideia que no momento era irrazoável, ou do que rejeitar o modelo heliocêntrico apenas porque não podia ser comprovado no momento. Ideia tão engenhosa quanto discreta, impossível de ser comparada às romanescas atitudes galileanas.

Galileu e Bellarmino ficaram em campos opostos e foram suas ações posteriormente avaliadas de acordo com a posição filosófico-teológica de seus admiradores: A Igreja Católica incluiu Roberto Bellarmino entre seus santos (por seus escritos pios

e não por sua atuação no caso Galileu, pelo menos é o que se diz oficialmente; a festa do bispo e doutor da Igreja é comemorada em 17 de setembro), enquanto a Igreja Positivista festeja Galileu (o calendário da Religião da Humanidade fundada por Auguste Comte, reserva-lhe o dia 7 de Bichat, domingo, no décimo terceiro mês, que é dedicado à ciência moderna). Há auréolas disponíveis para todos. Os anarquistas epistemológicos também podem aumentar seu panteão e nele incluir indistintamente gregos e troianos.

Pode-se também reivindicar o título de anarquista para Andreas Osiander. Esse teólogo protestante, várias décadas antes do caso Galileu, inseriu no livro de Copérnico, quando este estava moribundo, sem seu conhecimento e consentimento, prefácio que dizia que a teoria de que Terra girava em torno do Sol, assunto principal do livro, deveria ser entendida como mera hipótese matemática e não como descrição

da realidade. Semelhantemente ao dito em relação a Bellarmino, podemos imaginar que Osiander acreditasse que seu prefácio poderia garantir que as ideias de Copérnico pudessem ser acolhidas sem problemas nos meios religiosos, católicos e protestantes, naquele momento tumultuado. Copérnico morreu, dizem os historiadores, com o livro recém impresso nas mãos, sem perceber a inclusão indevida do prefácio. Osiander sempre foi execrado por sua atitude, que, no entanto, pode ser considerada como legitimamente anarquista. (Nem todas as atitudes anarquistas epistemológicas são revolucionárias; algumas são conservadoras.)

Apenas os astrônomos jesuítas não agiram de forma anarquista epistemológica. Deixaram eles de acomodar eficientemente as novas descobertas astronômicas no modelo geocêntrico desenvolvido pelo dinamarquês Tycho Brahe, alternativo ao modelo clássico de Cláudio Ptolomeu, o que permitia salvaguardar os fundamentos da

cosmologia aristotélica, indispensáveis por motivos teológicos, e dessa forma associar a manutenção da ortodoxia filosófico-teológica aos avanços científicos. Podiam os jesuítas, assim procedendo, jogar fora modelo indiscutivelmente imprestável, o ptolomaico, substituí-lo por outro, que era adequado e não requeria mudança de visão importante, uma vez que o modelo de Tycho Brahe era também geocêntrico, e, ainda, ficavam à vontade para combater o incômodo e então infundado modelo heliocêntrico e contestar dessa forma os argumentos de Galileu.

Verifica-se, destarte, que no início da polêmica cosmológica setecentista reinava absoluto o modelo geocêntrico ptolomaico que era aceito unanimemente pelos bempensantes. Nicolau Copérnico, ainda no século XVI, propôs alternativamente seu modelo heliocêntrico. Começava o processo de pluralismo teórico e encerrava-se longa era de estagnação nesse campo de estudo. Andreas Osiander, a seguir, criou

nova opção teórica ao sugerir que o modelo coperniciano fosse tomado apenas como hipótese matemática e não como descrição da realidade. Pouco depois, Tycho Brahe sugeriu modelo geocêntrico alternativo em que o Sol orbitava em torno da Terra sendo ele, por sua vez, centro da órbita de vários planetas. Surge então o modelo heliocêntrico de Johannes Kepler com órbitas planetárias elípticas, que pouca sensação causou. Somente então, aparece o modelo heliocêntrico de Galileu Galilei com suas absurdas órbitas circulares. Roberto Bellarmino então defende a ideia de que o modelo heliocêntrico seja considerado apenas para facilitar cálculos astronômicos, como Osiander já propusera antes.

Vê-se, assim, que no auge do conflito de Galileu com a Inquisição, várias opções cosmológicas se apresentavam: 1. O modelo geocêntrico tradicional, de Cláudio Ptolomeu; 2. O modelo heliocêntrico de epíclo, de Nicolau Copérnico; 3. O modelo

geocêntrico com planetas orbitantes em torno do Sol, de Tycho Brahe. 4. O modelo heliocêntrico de órbitas elípticas, de Johannes Kepler. 5. O modelo heliocêntrico de órbitas circulares, de Galileu Galilei. 6. A interpretação instrumentalista matemática dos modelos heliocêntricos, de Roberto Bellarmino, continuadora da de Andreas Osiander.

No auge do caso Galileu, podemos verificar que, não obstante o rico quadro de pluralismo teórico existente, apenas o nicho número 5 acima descrito estava ocupado claramente por ativista anarquista epistemológico, pelo herói modelar em pessoa, Galileu Galilei. Se considerarmos que Bellarmino também agiu anarquicamente, ainda que de maneira discreta, se comparado ao tonitruante Galileu, ainda assim, contaremos quatro nichos abertos, plenos de material para alimentar abundantemente mentes criativas. Os astrônomos jesuítas não ocuparam adequadamente o nicho número 3.

Inexplicavelmente, ninguém preencheu o nicho número 4, que, tempos depois, viria a ser evidenciado por Isaac Newton, como o mais adequado.

Nesse palco de debates, Galileu sozinho roubou a cena. Como ele foi coagido pela força física e se posicionou ruidosamente, ainda que de maneira atrapalhada, ao lado da teoria posteriormente vencedora da polêmica, é possível conferir-lhe coroa de louros, auréola, e cantar-lhe a vitória em verso e prosa. (E ser escolhido o maior herói da causa anarquista epistemológica.)

Que diríamos, no entanto, de Galileu Galilei, se, na realidade, o Sol girasse em torno da Terra? Tê-lo-íamos como herói anarquista epistemológico? Elogiaríamos sua retórica falaciosa ou riríamos dela?

Galileu Galilei tem outro companheiro histórico famoso que também defendeu de maneira errada ideias corretas: Cristóvão Colombo. O navegador genovês sabia que a Terra era redonda (fato sempre

lembrado), mas nunca aceitou a ideia de que o planeta era maior do que ele pensava e de que ele atingira um novo continente e não o extremo oriente da Ásia (o que é pouco comentado). Similarmente, louva-se a defesa que o pensador toscano fez do heliocentrismo, mas não se discute a absurdidade do modelo que ele propôs e a inconsistência de várias ideias que apresentou.

Que bom para a biografia de Galileu e de Colombo que a Terra seja esferoide, gire em torno do Sol e tenha um continente entre a Europa e África e a Ásia, que foi descoberto pelos europeus em 1492!



## **PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM O COMPORTAMENTO DO ANAR- QUISTA EPISTEMOLÓGICO**

1. Todos têm igual direito de manifestação.
2. Todos os assuntos podem ser discutidos.
3. Todos podem discutir qualquer assunto.
4. Não é lícito usar nenhum método coercitivo que impeça alguém de se manifestar.
5. O supremo bem intelectual é a riqueza de ideias.
6. A eliminação de ideia errônea é ato de libertação intelectual de valor máximo.



## **CREDO DO ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO**

Creio na Imaginação humana,

Criadora de deuses e de demônios,

E na liberdade, como o único hábitat da  
Imaginação.

Creio que todos os homens são dotados de  
Imaginação

E que é direito e dever de todos expandi-la  
e usá-la,

Em prol de que a liberdade e a criatividade  
nunca diminuam ou pereçam.

Creio que somente o homem cria os seus  
grilhões

E que somente ele mesmo se liberta deles.

Creio que tudo o que impeça a liberdade  
intelectual

Deva ser combatido incessantemente,

E que os praticantes de atos contra a inteligência

Devam ser conquistados para a causa que combateram.

Creio que, tal como Pôncio Pilatos, deva pa-  
decer em indagar

“Que é a Verdade?”, sem me ocupar das res-  
postas dadas.

Creio no desaparecimento de todos os privi-  
légios intelectuais

E na instauração de sociedade intelectual  
igualitária,

Onde será agradabilíssimo viver e pensar.

Amém.

Repudiam os anarquistas hinos, lemas, emblemas, signos, bandeiras etc, que são vistos como próprios dos sistemas autoritários e adequados a auxiliar na manutenção da subordinação e dos privilégios. Mas não conseguem os adeptos das teoria libertárias evitar de ter, paradoxalmente, esses mesmos elementos simbólicos, tão fortemente parecem estar eles enraizados na natureza humana.

Assim, também os anarquistas epistemológicos têm sua bandeira e seu símbolo, que não são muito diferentes da bandeira e do símbolo usado pelos anarquistas políticos.

A bandeira do anarquismo epistemológico é negra, cor tradicional da causa anarquista, e tem no centro, em cor branca, uma elipse, em cujo interior há um alfa maiúsculo (de Anarquia), embaixo da qual está, em tamanho menor, um épsilon maiúsculo (de Epistemologia). Sob as letras

gregas, lê-se, em inglês, idioma usado por Paul Feyerabend, fundador do anarquismo epistemológico, para escrever sua obra prima, a frase que resume o princípio orientador desse movimento filosófico: ANYTHING GOES (TUDO VALE).

A bandeira do anarquismo epistemológico difere da do político, pois esta apresenta apenas o alfa maiúsculo, que está inserido em um círculo. A elipse serve para lembrar uma das vitórias mais expressivas da aplicação dos procedimentos anarcoepistemologistas, qual seja a substituição da cosmologia geocêntrica pela heliocêntrica. Nessa revolução gnosiológica, dentre outras coisas, as órbitas circulares dos planetas foram trocadas pelas elípticas. Não obstante um dos principais participantes da revolução científica do século XVII, Galileu Galilei, patriarca do anarquismo epistemológico, não ter conseguido libertar-se da ideia das órbitas circulares, sua ardorosa e

persistente defesa do heliocentrismo acabou conduzindo ao aperfeiçoamento desse modelo, mais conveniente e compatível com as observações, onde os planetas, dentre eles a Terra, movem-se em órbitas elípticas em torno do Sol.





## GLOSSÁRIO

**ANARQUISMO.** Doutrina que se funda na convicção de que todas as formas de poder são injustas, injustificáveis e, portanto, altamente prejudiciais à vida humana.

**ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO.** Doutrina gnosiológica iniciada por FEYERABEND que objetiva combater, sem descanso, o autoritarismo no mundo intelectual, com vistas à promoção constante e a qualquer custo do PLURALISMO TEÓRICO.

**ANARCOEPISTEMÓLOGO(-ISTA).** Partidário do ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO. O mesmo que ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO. Opõe-se a todas as formas de poder no mundo intelectual. Resume suas teses na expressão TUDO VALE.

**ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO.** O mesmo que ANARCOEPISTEMÓLOGO.

**CETICISMO.** Doutrina, segundo a qual, como não se pode chegar a verdades indubitáveis, deve-se considerar que todas as ideias têm o mesmo valor. O anarcoepistemólogo combate, na prática, essa crença pois, ainda que ele mesmo possa ser incrédulo, seu comportamento apaixonado deve fazer os outros crer que ele está seguro de que defende a única ideia verdadeira; o anarcoepistemólogo sempre valoriza em grau superlativo a ideia que defende no momento, mesmo que o faça apenas oportunisticamente.

**CIÊNCIA.** (Entendida como *ciências naturais*: Física, Química e Biologia.) Principal arena dos embates dos anarcoepistemólogos. Aconselha-se conhecer todos os seus recantos e caminhos. O que se diz de seu MÉTODO deve ser, conforme a circunstância, ardorosamente combatido ou apaixonadamente defendido. É o território

onde mais claramente impera o preceito de que TUDO VALE.

**CONTRA O MÉTODO.** Livro de FEYERABEND que é a bíblia dos anarcoepistemólogos. Deve estar sempre à mão e ser lido e relido. (Aconselha-se leitura diária.) Alguns trechos devem ser memorizados. Ensina basicamente a ser contra o MÉTODO e a favor do método.

**CONTRARREGRAS.** Forma como os anarcoepistemólogos chamam suas REGRAS.

**DADAÍSMO (EPISTEMOLÓGICO).** Designação que FEYERABEND quase deu ao ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO.

**FEYERABEND.** Paul Karl (1924 – 1994). Filósofo austríaco iniciador do ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO, autor do livro *CONTRA O MÉTODO* (1975), onde se lê a lapidar expressão TUDO VALE.

**GALILEU GALILEI.** Herói da causa anarquista epistemológica. Eleito por FEYERBEND como modelo de mau comportamento intelectual. Por sua mestria na arte de tergiversar, Galileu deve servir de inspiração aos anarcoepistemólogos. Suas técnicas de propaganda e persuasão e de uso de argumentos falaciosos são exemplares. O bom anarcoepistemólogo deve estudar a atuação de Galileu na famosa polêmica cosmológica do século XVII, para poder, com segurança, defendê-lo quando ele for atacado e atacá-lo quando ele for elogiado.

**HIPÓTESE AD HOC.** Tábua de salvação do anarcoepistemólogo. Consiste de proposição emergencial a que se recorre em debate, quando se está em desvantagem, para contra-atacar e confundir o adversário. Não só é importante usá-la, mas é também fundamental saber reconhecê-la prontamente, quando o adversário a ela recorre, para, então, apontar o seu uso e desmoralizá-lo.

**MÉTODO.** Alvo principal dos ataques do anarcoepistemólogo. O anarcoepistemólogo é contra o método, se houver método, e a favor do método, se não houver método. Como é mais comum ser contra o método, é necessário que o anarcoepistemólogo consciente estude criteriosamente a obra dos principais metodologistas, sobretudo a de POPPER, para poder demonstrar, especialmente recorrendo ao célebre caso GALILEU, por que o método pode atrapalhar o progresso das ideias.

**MONSTROS ABSTRATOS.** Elementos que mais servem para atrapalhar do que para estimular a vida intelectual, pois intimidam as mentes pusilânimes. A fauna epistemológica monstruosa é numerosa: Verdade, Razão, Progresso, Honestidade, Dever etc. (Esses monstros ficam mais amedrontadores, se seus nomes forem grafados com iniciais maiúsculas.)

**POPPER.** Karl Raymund (1902 – 1994). Filósofo austríaco, naturalizado britânico, notável por suas ideias sobre o método das ciências naturais, expostas na **LÓGICA DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA**, onde também apresenta seu critério de demarcação entre ciência e metafísica. Defende vigorosamente a liberdade política em **A SOCIEDADE ABERTA E SEUS INIMIGOS**.

**PLURALISMO TEÓRICO.** Riqueza de ideias. Objetivo pelo qual luta o anarcoepistemólogo. Importante não só para o progresso do conhecimento, como também para o enriquecimento geral da vida humana.

**REGRAS.** Conjunto de princípios metodológicos que os anarcoepistemólogos combatem guiados por sistema de **CONTRARREGRAS**, que são as regras de combater regras.

**TUDO VALE.** Pseudo-lema do **ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO**, de autoria de **FEYERABEND**. Acreditar nele

significa não só poder defendê-lo, como também, criticá-lo, uma vez que tudo vale. Deve ele orientar as ações, especialmente na CIÊNCIA, para promover o PLURALISMO TEÓRICO.



## NOTA BIBLIOGRÁFICA

O *profeta anarquista epistemológico* é, como facilmente se percebe, paródia de *O profeta* [*The prophet*, 1923], do escritor libanês, de expressão árabe e inglesa, Gibran Khalil Gibran (1883 – 1931); usei a tradução brasileira de Mansour Challita, editada pela Associação Cultural Internacional Gibran (ACIGI), de 1981.

As respostas do profeta de *O profeta anarquista epistemológico* constam de trechos de *Contra o método* [*Against method*, 1975], de Feyerabend, como dito na introdução. Os excertos são quase literais, retirados da tradução brasileira de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg (Francisco Alves, terceira edição, 487p., 1989). Para efeito das respostas do profeta anarquista, nem sempre foi possível manter inalterado o texto de Feyerabend, e em certas ocasiões fez-se necessário introduzir palavras ou frases.

O material extraído da obra prima de Feyerabend foi o seguinte (o primeiro número arábico indica o tópico de *O profeta anarquista epistemológico*, o número romano que vem em seguida, o capítulo de *Contra o método*, e os números arábicos após este, as páginas da tradução brasileira dessa obra, de onde foram retirados os trechos selecionados): 2, I, 34, II, 44, IX, 165; XV, 269, 270, 280; XVII, 355, 388; 3, I, 34; XVI, 292, 293; 4, III, 57; XVIII, 342, 359; 5, XV, 279; XVI, 285, 301; XVII, 395, 396; 6, XVI, 337, 338, 339; 7, XV, 279; XVIII, 454, 457, 459, 465; 8, V, 86, 99; VI, 103 – Descartes; VIII, 121, 125, 145; IX, 165, 166, 177; XI, 225; XII, 238; XIII, 255; 9, XVI, 345, 346: 10, VI, 103 – Descartes, 103 – Galileu, 104 – Kant; 11, I, 21, 22; XVIII, 463; 12, XVIII, 454; 13, II, 40, 41, 42, 43; 14, III, 55; XVIII, 452; 15, XVIII, 462, 463.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria do Conhecimento. Gnosiologia. Epistemologia. Filosofia da Ciência.









**IMPrensa UNIVERSITÁRIA**

---

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA